

O corpo, o *dildo*, a carne e o fetiche: Preciado com Freud¹

Patricia Porchat,² Bauru

Vinicius M. Godeguez,³ Bauru

Aproximações entre a teoria queer e a psicanálise vêm sendo feitas por diversos autores de ambos os campos. Busca-se aqui aproximar algumas ideias de Paul/Beatriz Preciado, apresentadas no Manifesto contrassexual (2002), à noção de disposição perversa poliforma de Freud concebida em Três ensaios sobre a sexualidade (1905). O artigo apresenta brevemente a teoria queer, o posicionamento particular de Preciado e o destaque que concede ao dildo como eixo temático de uma análise que demonstra a plasticidade e artificialidade do sexo. Preciado critica a naturalização do sexo através da paródia de relações heterocentradas e de propostas subversivas com relação à utilização do corpo para o exercício da sexualidade. O segundo elemento analisado é a proposta de sexualização total do corpo. No diálogo com a psicanálise, primeiramente se estabelece uma relação entre o dildo e o objeto fetiche. Em segundo lugar, questiona-se a possibilidade de comparar a disposição perversa polimorfa com a sexualização total do corpo tendo em vista os pontos de partida distintos em ambas as teorias, a saber, o campo pulsional e o discurso heterossocial.

Palavras-chave: psicanálise, teoria queer, fetichismo, sexualidade.

¹ Pesquisa desenvolvida com auxílio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

² Psicanalista. Professora do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Bauru) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual (Mestrado profissionalizante) da UNESP/Araraquara. Doutora em Psicologia Clínica pelo IPUSP.

³ Psicólogo. Membro do grupo de pesquisa NEEPPSICA (Unesp/Bauru) e do GPS (Laboratório Gênero Psicanálise e Sexualidade). Participou do Projeto de Extensão Atenção à Diversidade e pesquisador bolsista de Iniciação Científica da Fapesp.

Alguns esforços têm sido feitos para aproximar, ou, ao menos, problematizar a aproximação entre a teoria *queer* e a psicanálise (Arán, 2006; Ayouch, 2014; Cunha, 2013; Porchat, 2013; Sáez, 2004). Trata-se aqui de fazer mais um exercício no sentido dessa aproximação, destacando algumas ideias de Preciado (2002) em seu *Manifesto contrassexual*, que acreditamos dialogar com a noção freudiana de disposição perversa polimorfa da sexualidade.

A teoria *queer* surgiu nos Estados Unidos no início da década de 1990, a partir dos estudos de um grupo de intelectuais e militantes de movimentos gays, lésbicos e feministas. O termo *queer* contém algumas dificuldades na sua tradução para o português, decorrentes dos vários significados apresentados por esse termo na língua inglesa, mas, também, pelos usos dessa palavra. “Queer pode ser traduzido por estranho, ridículo, excêntrico, extraordinário”, diz Louro (2001, p. 546). No entanto, essa palavra também era usada, de um modo pejorativo, para designar homens e mulheres homossexuais. Nesse sentido, a escolha da palavra *queer*, com toda sua carga de estranheza e tom provocativo para nomear essa teoria, marca seu caráter de oposição às categorias sexuais estabelecidas, assumindo, portanto, sua posição de excentricidade, estranheza, contestação.

Essa teoria tende a ver a realidade como uma construção social, sempre relacionada a um local e a um período histórico e também é classificada pelos seus próprios teóricos como uma teoria pós-identitária, que aposta na desconstrução e historicização de categorias e normas entendidas como naturais. Sendo assim, trata-se de uma teoria que visa a criticar todo tipo de normatização que, ao definir as fronteiras do *normal*, cria margens de exclusão para aqueles que fogem a determinados padrões.

Apesar dessa crítica aos padrões histórica e socialmente constituídos como elemento fundamental de um *posicionamento queer* (Cunha, 2013), os assuntos tratados por diversos estudiosos que se consideram *queers* podem ser bem diferentes, criando proximidades e distanciamentos entre eles. Suas críticas se dirigem principalmente à oposição heterossexual/homossexual, ao binarismo de gênero homem/mulher como um dado biológico, e, por fim, a toda categorização amparada em pressupostos naturalizantes, que circunscrevem e controlam práticas e identidades na categoria da normalidade, o que faz com que tudo o que não estiver de acordo com esses padrões prescritos seja considerado anormal, respaldando todo tipo de discriminação e exclusão social.

Entretanto, dentro da perspectiva pós-estruturalista, a teoria *queer* costuma ser associada ao estudo do desejo e da sexualidade (Miskolci, 2007, 2009), constituindo, também, uma importante abordagem dentro dos chamados *estudos*

de gênero, principalmente pelo fato de a maioria dos trabalhos desenvolvidos nessa teoria tratarem desses assuntos articulando-os com outros temas diretamente relacionados tais como sujeito, linguagem, sociedade e psique.

Para o nosso propósito, ou seja, aproximarmos teoria *queer* e psicanálise através da ideia de disposição perversa polimorfa, procuraremos abordar o que chamamos de teoria *queer* europeia, dando ênfase ao trabalho de Paul/Beatriz Preciado. Seus escritos versam principalmente sobre o sexo, as práticas sexuais e o corpo. A teoria *queer* europeia tem como destaques Preciado (2011) e Marie Hélène/Sam Bourcier (2015), cujo foco no corpo e nas práticas sexuais se diferencia das propostas mais relacionadas ao estudo dos gêneros e das identidades centrado na linguagem, como os de Eve Kosofsky Sedgwick e Judith Butler, nos Estados Unidos.

O manifesto contrassexual

Paul/Beatriz Preciado e Marie Hélène/Sam Bourcier, que fazem parte da corrente europeia da teoria *queer*, diferentemente de autoras americanas que enfatizam a questão das identidades, buscam aproximar-se das questões da sexualidade e das práticas sexuais e, nesse sentido, marcam uma posição específica dentro dessa teoria. Para elas, a dimensão da sexualidade não pode ser relegada a um segundo plano, pois, a partir do exercício de sexualidades alternativas e não convencionais, surgem subculturas que são colocadas à margem da sociedade, por não compactuarem de certo *contrato social* para o exercício de determinada sexualidade tida como natural. Segundo as autoras, essa sexualidade supostamente natural é construída a partir de tecnologias e narrativas sociais de poder que localizam em um lugar privilegiado as relações heterossexuais exercidas de maneira padronizada.

Em oposição à sexualidade vigente, Preciado (2002), em seu *Manifesto contrassexual*, faz uma crítica da naturalização do sexo através da paródia de relações heterocentradas e de propostas subversivas com relação à utilização do corpo para o exercício da sexualidade. A contrassexualidade é uma teoria que propõe que o corpo se reconheça a si mesmo e aos outros, *não como homens ou mulheres, mas sim como corpos falantes*.

Bourcier (2002), que apresenta as ideias de Preciado no prefácio do *Manifesto contrassexual*, nos alerta para o fato de que, apesar de o texto situar-se aparentemente próximo do que poderia ser chamado de *pensamento pós-moderno*, Preciado procura evitar essa classificação, pois entende que o prefixo *pós* existe

necessariamente dentro de um *binarismo enganoso* com tendência a uma lógica *naturalizante*, que é justamente um dos principais alvos das críticas de seu pensamento. Nesse sentido, a utilização do prefixo *contra* no título do livro situa sua posição epistemológica, que, segundo Bourcier (2002), procura romper com uma série de binarismos que fundamentam a filosofia moderna e, conseqüentemente, o pensamento feminista, algumas vertentes de teorias LGBT e inclusive *queers*. Sendo assim, a proposta de *desconstrução contrassexual* estaria mais próxima de outras posições como o espinosismo, o empirismo radical e, sobretudo, o desconstrutivismo de Derrida.

O caráter político da obra é evidente, com uma ferrenha crítica social no que diz respeito à *construção da sexualidade*. Preciado (2002) argumenta acerca da importância dada ao *dildo* em sua obra, não só para demonstrar a plasticidade e artificialidade do sexo, mas também como recurso metodológico. O *dildo* funciona como *eixo temático de análise* no *Manifesto contrassexual*, assim como a *mais-valia* teria servido para Marx em sua análise econômica da sociedade realizada em *Grundrisse*.⁴ O fundamento da comparação feita por Preciado está no fato de procurar fugir de “paradoxos das teorias precedentes”, ao evitar iniciar sua análise por noções mais óbvias como “diferença sexual” ou “gênero”, assim como Marx evitou iniciar sua análise econômica da sociedade partindo da noção de “população”, preferindo o conceito de “mais-valia” (Preciado, 2002, p. 18).

O *dildo* assume um papel paradigmático na obra de Preciado, pois, segundo ela, a artificialidade desse objeto, destinado ao prazer sexual e que pode ser utilizado das mais variadas maneiras, confirma e demonstra com perfeição a artificialidade do sexo como um todo, permitindo à autora fazer uma inversão hermenêutica importante, ao considerar em sua análise que o “dildo não é apenas um pênis de plástico, mas o pênis é um dildo de carne” (Preciado, 2002, p. 19).

Para expor a proposta da contrassexualidade, Preciado se vale da sátira e da ridicularização das práticas sexuais vigentes, propondo um *contrato contrassexual* e ensinando de forma pedagógica práticas *contrassexuais* em capítulos que deixam claro, em seu título, o caráter humorístico e ridicularizador, por exemplo: *O ânus solar de Ron Athey*, *Masturbar um braço* e *Como fazer um dildo-cabeça gozar*. A intenção é demonstrar, a partir da ideia do *dildo* como *objeto plástico que atesta a plasticidade dos sexos*, o quanto a sexualidade exercida nessas práticas não convencionais ou *perversas* parece ridícula ou artificial; no entanto, seguem a mesma lógica de organização da sexualidade comum, ou seja, a atribuição de papéis

⁴ *Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie* [Elementos fundamentais para a crítica da economia política]. Série de manuscritos de Karl Marx escritos em 1858 que posteriormente dariam origem ao *O capital*.

sexuais para certas zonas corporais de maneira, segundo a autora, absolutamente artificial. Daí a brincadeira com as práticas *contrassexuais*, pois, se a atribuição da sexualidade a certas partes do corpo em detrimento de outras é algo arbitrário, tanto faz *masturbar um braço* quanto masturbar um pênis (Preciado, 2002, p. 19).

Essa crítica à sexualidade convencional e a proposta da contrassexualidade trazem elementos que sugerem uma possível aproximação com a psicanálise, como, por exemplo, a ideia de uma *sexualização total do corpo*. É o que, afinal, Freud nos permite pensar com a ideia de zonas erógenas.

Preciado (2002) entende o sexo como uma *tecnologia de dominação heterossocial* que *territorializa* o sexo no corpo, de modo que a própria diferença sexual seria fruto dessa tecnologia. Ela não se abstém de usar a própria terminologia freudiana:

O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afetos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas [...]. O processo de criação da diferença sexual é uma operação tecnológica de redução que consiste em extrair determinadas partes da totalidade do corpo e isolá-las para fazer delas significantes sexuais (p. 25-26).

Em resposta ao que ela chama de *criação* da diferença sexual – um produto da territorialização exercida pelas normas heterossociais – a proposta contrassexual apresentada pela autora seria, principalmente, a ressexualização do ânus. Este, por ser um órgão presente em todas as pessoas independentemente dos conceitos de sexo ou gênero atribuídos, assume então, em sua obra, o status de *centro contrassexual universal*.

Mas essa proposta, embora interessante, parece apresentar uma contradição: se, por um lado, a *ressexualização do ânus* parece eficaz para uma desconstrução da diferença sexual, uma vez que é um órgão universal, por outro, a atribuição de um status de *centro contrassexual universal* denuncia uma contradição com a proposta de *sexualização do corpo em sua totalidade*. Se o ânus assume um papel central e de suma importância para a proposta contrassexual, isso significa que esta não escapa também de fazer uma territorialização sexual do corpo, assim como a criticada *lógica heterossocial*, que isola partes para fazê-las significantes *contrassexuais*, ou seja: mudam-se os órgãos, nega-se a diferença, mas a lógica continua a mesma. Naquilo que parece escapar ao pensamento de Preciado não se

denuncia, então, que, justamente, não temos como fugir de algum tipo de síntese pulsional?

A proposta da contrassexualidade procura ser duplamente audaciosa, não só pela crítica e ridicularização que faz da sexualidade corrente, mas também por marcar um posicionamento dentro da própria teoria *queer*. Segundo a autora, a teoria *queer* americana, principalmente a tradição butleriana centra o debate na questão das identidades e das performances, e com isso a dimensão do corpo e da sexualidade tem menor importância.

A noção butleriana de “performance de gênero”, assim como a ainda mais sofisticada “identidade performativa” desfazem-se prematuramente do corpo e da sexualidade, tornando impossível uma análise crítica dos processos tecnológicos de inscrição que possibilitam que as performances passem por naturais ou não (Preciado, 2002, p. 93).

Preciado (2002) busca resgatar não só o corpo, mas também as práticas sexuais para a discussão *queer*, através do que chama de um “metaconstrutivismo, não só de gênero, mas também de sexo” (p. 95) em que essas duas noções se entrecruzam. Para pensar esse entrecruzamento, a autora parece propor uma espécie de dialética entre o discursivo e o orgânico, pois, segundo ela, “O gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico” (Preciado, 2002, p. 25).

Nota-se, portanto, que, para tratar da sexualidade em articulação com a questão do gênero e também para possibilitar que se considere nessa discussão a dimensão orgânica do corpo, Preciado substitui a noção *queer* americana de *performativo* pela ideia de prótese ou *prostético*, em que se evidencia que, segundo o inicialmente referido pela autora, o *dildo* funciona como *eixo temático de análise* e permite a ela dizer que o gênero como prótese é *puramente construído e inteiramente orgânico*.

Podemos resumir sua ideia dizendo que o gênero é prótese, se dá na materialidade de um corpo que, por sua vez, é carne sobre a qual se constrói o prazer. No entanto, o *dildo* denuncia a artificialidade do sexo como um todo. O corpo pode ser visto como um grande *dildo* ou como um conjunto deles. Braço ou pênis, tudo se equivale na geografia do corpo em Preciado. Poderíamos arriscar, então, que o *dildo* seria o significante da falta?

Para avançar em nossa proposta, buscando tecer um diálogo entre a teoria *queer* de Preciado e a forma particular de abordar corpo e sexualidade na psicanálise, relembremos rapidamente o que diz Freud.

A disposição perversa polimorfa

Para conceber a sua teoria da sexualidade, Freud abre mão de qualquer fundamentação epistemológica da biologia e destaca as descobertas oriundas da experiência psicanalítica. No prefácio à terceira edição dos *Três ensaios para a teoria da sexualidade*, afirma que evitou utilizar os conhecimentos da *biologia sexual geral ou da biologia das espécies animais*:

Junto a sua total dependência da investigação psicanalítica, devo destacar, como característica deste meu trabalho, sua deliberada independência da investigação biológica. Evitei cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral, ou da biologia das espécies animais em particular, no estudo da função sexual do ser humano que nos é possibilitado pela técnica da psicanálise. A rigor, meu objetivo foi sondar o quanto se pode apurar sobre a biologia da vida sexual humana com os meios acessíveis à investigação psicológica; era-me lícito assinalar os pontos de contato e concordância resultantes dessa investigação, mas não havia por que me desconcertar com o fato de o método psicanalítico, em muitos pontos importantes, levar a opiniões e resultados consideravelmente diversos dos de base meramente biológica (Freud, 1905, p. 82).

A partir dessa citação, podemos nos perguntar qual é o corpo que sustenta a teoria da sexualidade aí exposta. Se não se trata do corpo biológico, do que fala Freud? Sabemos que Freud desenvolve no primeiro dos três ensaios – *As aberrações sexuais* – um conceito fundamental, o de pulsão. A pulsão constitui um dos conceitos centrais de toda a psicanálise freudiana e, ainda que a consolidação da primeira teoria pulsional ocorra em textos posteriores, nos *Três ensaios* a apresentação e discussão a respeito da sexualidade se baseiam, principalmente, na análise das origens e destinos das pulsões sexuais (1915).

O corpo erógeno, concebido a partir da presença da pulsão sexual que brota de diferentes fontes (as zonas erógenas), que possui uma força ou pressão que leva, através de um objeto (contingente), à ação de descarga de tensão (sua meta ou objetivo – realizado de forma específica em função da zona erógena em questão) sustenta a teoria da sexualidade na psicanálise.

A conceitualização desse corpo erógeno, corpo pulsional, é resultado das primeiras investigações psicanalíticas de Freud, mas também passa a ser o fundamento de novas experiências e teorizações na clínica freudiana. A clínica das neuroses freudianas, bem como a desconstrução por ele operada na análise

das homossexualidades e das perversões da época permitem a suposição de uma sexualidade que se organiza tendo como característica primordial uma disposição polimorfa e perversa.

Assim, a extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que tampouco a predisposição às perversões é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal [...]. Agora se nos oferece a conclusão de que há, sem dúvida, algo inato na base das perversões, mas esse algo é inato em todos os seres humanos, embora, enquanto disposição, possa variar de intensidade e ser acentuado pelas influências da vida (Freud, 1905, p. 105-106).

Apresenta-se assim, uma primeira definição do que seria a disposição perversa polimorfa na sexualidade.

É no segundo ensaio – *A sexualidade infantil* – que Freud estabelecerá a relação entre a sexualidade infantil e a disposição perversa polimorfa, valendo-se, no entanto, do exemplo das prostitutas para ressaltar que, apesar de característica da sexualidade infantil, essa disposição pode se manifestar, se as condições forem favoráveis, nos mais variados períodos da vida dos indivíduos.

É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, os diques anímicos contra os excessos sexuais – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção. Nesse aspecto, a criança não se comporta de maneira diversa da mulher inculta média, em quem se conserva a mesma disposição perversa polimorfa. Em condições usuais, ela pode permanecer sexualmente normal, mas, guiada por um sedutor habilidoso, terá gosto em todas as perversões e as reterá em sua atividade sexual. Essa mesma disposição polimorfa, e, portanto, infantil, é também explorada pelas prostitutas no exercício de sua profissão, e no imenso número de mulheres prostituídas ou em quem se deve supor uma aptidão para a prostituição, embora tenham escapado ao exercício dela, é impossível não reconhecer nessa tendência uniforme a toda sorte de perversões algo que é universalmente humano e originário (Freud, 1905, p. 117).

Portanto, a disposição perversa polimorfa é uma tendência natural da sexualidade humana, típica da sexualidade infantil, mas que pode se manifestar na sexualidade adulta se as condições sociais favorecerem. Guardemos as críticas feministas ao pensamento freudiano para outra ocasião. Certamente o leitor e a leitora de hoje reconhecem alguns limites de Freud nessa perspectiva.

Aqui, é preciso que atentemos ao fato de que Freud atribui a contenção da disposição perversa polimorfa a barreiras de *vergonha*, *asco* e *moral*. A dor e o horror também já haviam sido citados no primeiro dos *Três ensaios*. Seguindo esse raciocínio, poderíamos, aparentemente, atribuir a repressão desta sexualidade a fatores sociais, como se a transformação de uma sexualidade infantil perversa polimorfa para uma sexualidade adulta e genital fosse exclusivamente dependente dessas barreiras construídas socialmente, através, por exemplo, da educação e dos valores morais. No entanto, essa questão é mais complexa, pois a explicação freudiana para essa transformação, além de considerar a questão social, está também fundamentada numa complexa teoria metapsicológica. Não é nosso propósito, todavia, aprofundar aqui essa questão.

O fetiche

Interessa-nos, para fins de aproximação com o pensamento de Preciado, destacar que, entre os destinos possíveis da disposição perversa polimorfa, encontramos o fetichismo. Freud aborda essa questão nos *Três ensaios* quando se debruça sobre os *desvios com respeito ao objetivo sexual*. Demonstra nesse texto que, apesar de haver no fetichismo, primeiramente, um desvio do objeto sexual, esse é um fenômeno corriqueiro e presente na sexualidade normal. No entanto, é devido a um possível desvio quanto ao alvo ou objetivo sexual que o fetiche pode tornar-se patológico quando, ao invés de ser um caminho para o alvo, o objeto fetiche o substitui.

A transição para os casos de fetichismo com renúncia ao alvo sexual, seja este normal ou perverso, constitui-se dos casos em que se exige do objeto sexual uma condição fetichista para que o alvo sexual seja alcançado (determinada cor dos cabelos, certas roupas, ou mesmo defeitos físicos). [...] O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do alvo sexual normal, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna o único objeto sexual (Freud, 1905, p. 94-95).

A essa altura, o fetichismo era considerado como uma forma particular de *substituição imprópria do objeto sexual* que poderia apresentar características patológicas se sua valorização fosse tamanha que pudesse substituir o alvo sexual. Posteriormente, em *O fetichismo* (1927), Freud o conceberá como resultado de um mecanismo psíquico (*Verleugnung*) que, para desmentir a castração, elege um objeto como substituto do pênis feminino imaginado nas teorias sexuais infantis.

Se eu afirmar agora que o fetiche é um substituto para o pênis, certamente causarei decepção. Apresso-me então a acrescentar que não é o substituto de um pênis qualquer, mas de um especial, bem determinado, que nos primeiros anos infantis tem grande importância, porém isto é perdido depois. Isto é: normalmente seria abandonado, mas o fetiche se destina exatamente a preservá-lo. Colocando isso de maneira mais clara, o fetiche é o substituto para o falo da mulher (da mãe), no qual o menino acreditou e ao qual – sabemos por que – não deseja renunciar (Freud, 1927, p. 303-304).

Segundo o que Freud apresenta neste texto, ao se deparar com a ausência do pênis na mulher, o menino experimenta certo *horror* e, diante dessa constatação de uma *castração* no outro (mãe), teme que ele próprio também possa ser castrado. Essa seria uma etapa normal do desenvolvimento, porém alguns indivíduos, ao invés de superar essa impressão, desenvolvem um horror tamanho a essa ameaça de castração, que elegend um objeto que substitua esse pênis ausente e que possa, de certo modo, “triunfar sobre a ameaça de castração” (Freud, 1927, p. 304).

É preciso que busquemos, então, uma associação entre a disposição perversa polimorfa e o fenômeno do fetiche, já que este representa uma maneira diferente do desenvolvimento psicosssexual *normal*, que, na compreensão freudiana, envolve a passagem da sexualidade infantil pré-genital para a adulta (genital) (1923).

Primeiramente, é possível supor-se que a relação das pulsões parciais com o fetichismo pode ser encontrada na *escolha* de um objeto específico e sua elevação a objeto fetiche. Segundo Freud, o mecanismo de rejeição ou desmentido (*Verleugnung*) dá origem a uma clivagem do psiquismo na qual uma parte reconhece a castração e a outra não, podendo, contudo, ambas estar presentes sem apresentar contradição, sofrimento ou angústia. Segundo Safatle (2015), nesse processo, Freud entende que existe um *recalcamento parcial da pulsão* em que uma parte é realmente recalcada e a outra elevada a objeto do fetiche, segundo a especificidade (fonte) da pulsão parcial.

A interpretação freudiana consiste em dizer que [...] esteve em operação *um tipo de recalçamento instituído através da clivagem do complexo [representativo]. Uma parte é genuinamente recalçada, enquanto a outra é idealizada, o que no nosso caso significa que ela é elevada a fetiche.* É essa clivagem que Freud entende por *recalçamento parcial da pulsão*. No caso da gênese do fetichismo pelos pés, Freud usará tal noção para explicar como o prazer olfativo é reprimido, enquanto o complexo representativo, composto dos pés e seu odor, é clivado e apenas parcialmente recalçado. De fato, o odor como objeto pulsional ligado ao erotismo anal será submetido ao *recalçamento*. Já os pés passarão por uma desafecção e serão *idealizados* (Safatle, 2015, p. 53, grifos do autor).

No entanto, ainda segundo Safatle, mesmo estando ligado às pulsões parciais, o fetiche, por outro lado, seria um recurso através do qual seria possível dotar essa pulsão, caracteristicamente desarticulada e independente, de um caráter fálico e totalizante através da substituição do pênis atribuído à mulher pelo objeto que passa a ser, então, seu representante.

Se nos perguntarem sobre o verdadeiro significado do pênis, moeda de troca na operação fetichista, diremos então que ele consiste na elevação de uma parte do corpo à zona erógena privilegiada e totalizante, recusando assim a economia polimórfica e desordenada das pulsões. É esse caráter totalizante e sem falhas que será transferido ao fetiche por cabelos, fazendo com que um objeto que parecia reforçar a lembrança de uma sexualidade não totalmente submetida à função e à unidade acabe por ser uma forma astuta de afirmar o primado fálico. Esse é o processo completo da operação fetichista. Nesse sentido, a substituição do falo materno não tem nada a ver com uma operação imaginária de substituição por algum objeto que guardaria traços visuais “fálicos”. Ela diz respeito à *modificação funcional* de objetos anteriormente vinculados, por vias associativas, às pulsões parciais (Safatle, 2015, p. 87, grifos do autor).

Portanto, a respeito do fetichismo e sua relação com a disposição perversa polimorfa, com as pulsões parciais e com a sexualidade infantil, pode-se dizer que, assim como no desenvolvimento *normal*, em que há a partir do recalque a possibilidade de uma síntese das pulsões parciais sob o primado fálico genital, no fetiche há também essa submissão a uma síntese totalizante, ou seja, fálica. No entanto, o que é interessante é que, na operação fetichista, a partir de um elemento

da sexualidade infantil, que, através de uma idealização, é colocado como sendo um *pênis*, essa pulsão parcial e perversa polimorfa é dotada de uma qualidade de síntese unitária que representa o objeto do desejo. Desse modo, ainda que a sexualidade perversa polimorfa sirva para fornecer ao objeto fetiche sua especificidade por alusão às pulsões parciais, a sua característica de não delimitação é substituída por uma fixação totalizante, possibilitando assim, como diz o autor, uma *modificação funcional*.

O *dildo* e o fetiche

Retomemos agora a ideia de Preciado de que o *dildo* é utilizado como um eixo de análise devido a seu poder de provar a artificialidade do sexo e, desse modo, promove uma inversão na compreensão do prazer e do sexo. Segundo ela, essa análise acaba por demonstrar que “o *dildo* não é um pênis de plástico, mas o pênis é um *dildo* de carne” (p. 19).

A teorização de Preciado (2002) a respeito do *dildo* se estende ao longo de seu trabalho, e é realmente interessante a complexidade de seus argumentos para a compreensão daquilo que, em sua teoria, o *dildo* representa. Vejamos os pontos em que a autora estabelece paralelos com a psicanálise e, em especial, com o conceito de fetiche.

Desde o início de seu *Manifesto contrassexual*, Preciado deixa evidente que vê a psicanálise como mais um dos dispositivos narrativos para a defesa de uma forma de sexualidade heterossocial e normativa, que, com seu discurso, pode nomear as aberrações e estabelecer certo tipo de saúde sexual segundo uma sexualidade padrão. Sendo assim, nega a ideia, atribuída por ela à psicologia, à medicina e à psicanálise, de que o *dildo* seria um fetiche. Essa consideração, por parte dessas disciplinas, dificultaria levar adiante a *dildotectônica*, apresentada como “a contraciência que estuda o surgimento, a formação e a utilização do *dildo*” (Preciado, 2002, p. 49).

Quando procura demonstrar a carência de teorizações que procuram abordar a questão do *dildo*, Preciado (2002) traz a questão de maneira direta:

O que é um *dildo*: um objeto, um órgão, um fetiche [...]? Devemos considerar o *dildo* como uma paródia irônica ou como uma imitação grosseira do pênis? Por acaso o *dildo* é uma construção falocêntrica do sexo? [...]. De fato, a marginalização e a invisibilidade do *dildo* são constantes e generalizadas

[...] é preciso procurar as escassas análises do *dildo* nas discussões mais amplas sobre o *falo feminino*, a *inveja do pênis*, ou nos textos que tratam da rearticulação da noção freudiana de fetichismo com a de desejo feminino (p. 71-74).

Como se pode ver, a autora aponta várias articulações possíveis entre a questão do *dildo* e conceitos e reflexões propostas pela psicanálise. Porém aqui nos dedicaremos apenas à questão do fetiche. É evidente que o *fetiche* ou o *fetichismo* não são palavras que podem ser tomadas como pertencentes exclusivamente ao campo da psicanálise; sabe-se que existe um uso corrente para esses termos, e pode ser que, ao atribuir a compreensão do *dildo* como um fetiche às *definições médicas e psicológicas*, Preciado tenha razão em suas críticas. No entanto, se considerarmos o conceito de fetiche fundamentado pela psicanálise freudiana, o *dildo*, principalmente como a autora o apresenta, não seria de nenhum modo um fetiche. Se considerarmos o fenômeno do fetichismo segundo Freud o constrói, veremos que, para falar de modo sucinto, ao constatar a ausência do pênis na mãe, o menino, através do mecanismo do desmentido (*Verleugnung*), nega a castração e elege um objeto que o cubra, esconda a castração do outro e que aluda a sua própria. Nesse movimento, esse objeto é idealizado e tornado objeto fetiche, condição imprescindível para a realização de uma relação sexual.

Beatriz Preciado (2002), ao analisar a crítica que Teresa de Lauretis⁵ faz ao heterocentrismo que fundamentaria a noção de *falo* de Lacan, diz que “o *dildo* ocupa um lugar estratégico entre o *falo* e o pênis, atua como um filtro e denuncia a pretensão do pênis de se fazer passar pelo *falo*” (p. 75).

Ora, se o *dildo* tem esse poder de atestar o caráter não fálico do pênis, muito diversamente do que aconteceria numa operação fetichista, o que o *dildo* faz não é negar a castração percebida pela ausência do pênis, mas, pelo contrário, é denunciar a não completude do pênis, afirmando a castração mesmo em presença do pênis. Isso nos parece interessante, pois, por mais que a autora, em algumas passagens de seu texto, pareça defender o *dildo* de ser equiparado a um objeto fetiche, a apresentação e função que Preciado dá para o *dildo* o faz parecer, psicanaliticamente falando, um *antifetiche*, ou, para usar um termo mais alinhado com a teoria dessa autora, talvez, nesse contexto, o *dildo* seja, de fato, um *contrafetiche*.

⁵ Teresa de Lauretis, *The practice of love: lesbian sexuality and perverse desire*. Bloomington: Indiana University, 1994.

A sexualização total do corpo

A partir da crítica de que o sexo é uma *tecnologia de dominação heterossocial* que territorializa o sexo no corpo, fazendo coincidir certos afetos com determinados órgãos e certas sensações com determinadas reações anatômicas, Preciado sustenta que haveria uma potencialidade de sexualização total do corpo, de modo que qualquer parte do corpo poderia ser utilizada com fins sexuais, sem obedecer a uma hierarquia sexual entre os órgãos para exercício da sexualidade. Como sugerimos antes, existe uma aparente contradição entre essa proposta de Preciado e sua ideia de elevação do ânus a *centro contrassexual universal*, pois isso incorreria justamente no estabelecimento de uma hierarquia (ainda que regida pela teoria da contrassexualidade) da importância de determinados órgãos referentes às práticas sexuais (ou contrassexuais).

A noção de disposição perversa polimorfa poderia apontar para uma possível aproximação com a proposta de Preciado de uma *sexualização total do corpo*. No entanto, é preciso reconhecer que, se, por um lado, essa ideia, no seu resultado sexual prático, pode ser muito parecida, por outro, em sua fundamentação e desenvolvimento, apresenta enormes diferenças.

Para Preciado, a sexualização total do corpo seria uma possibilidade que se opõe à territorialização do sexo no corpo feita por um discurso e norma *heterossocial*; fundamenta-se, portanto, numa espécie de crítica social relacionada à utilização dos corpos no exercício da sexualidade. Ainda que seus trabalhos destoem dos de outros teóricos *queer*, por procurar resgatar a dimensão do corpo em suas reflexões, todavia suas ideias, ao se referirem ao corpo, se baseiam fortemente em aspectos sociais e do discurso com relação à sexualidade. Isso fica evidente em uma parte de seu *Manifesto contrassexual* (2002) no qual procura ensinar práticas *contrassexuais* que possibilitariam justamente essa ampliação das aplicações do corpo para a sexualidade, como, por exemplo, *Masturbar um braço* e *Como fazer um dildo cabeça gozar*. É difícil saber se, para Preciado, a sexualização total do corpo funciona como uma proposta *real*, ou se faz parte de toda a sua artimanha argumentativa para criticar a sexualidade socialmente construída e, ao mesmo tempo, construir sua *contrassexualidade*.

Se considerarmos que, por um lado, há inúmeras práticas sexuais que não se submetem a uma sexualidade genital heterossexual e que, nesse sentido, a sexualização de outras partes do corpo e outras maneiras de sexualidade são possíveis, podemos aqui estabelecer uma clara correlação entre essa proposta *queer* e a ideia de disposição perversa polimorfa. Por outro lado, a sexualização total do corpo compreendida como resultado de uma *desterritorialização* do sexo

no corpo, possibilitada por um discurso contrassexual que se opõe a outro discurso que o territorializa, torna difícil essa aproximação.

O caráter satírico que Beatriz Preciado utiliza para ensinar como *masturbar um braço* ou *como fazer um dildo cabeça gozar* sugere mais um deboche da sexualidade vigente que procura escancarar a artificialidade e arbitrariedade desta, do que, realmente, uma possibilidade concreta para a realização dessas práticas, ou seja, sua preocupação com relação à sexualidade está mais interessada em criticar os fatores sociais e discursivos que constroem a sexualidade vigente do que em uma tentativa de compreensão dessa sexualidade e de suas possíveis manifestações, como seria o caso de Freud. Daí o caráter desconstrutivista de sua proposta contrassexual, que desconstrói a partir da relativização e localização da sexualidade no campo do discurso social e que marca uma característica fundamentalmente *queer*. Entretanto, é notável também que essa desconstrução só é possível a partir da construção de um outro, ou seja, desconstrói-se a sexualidade construindo a contrassexualidade.

Na verdade, não é objetivo deste trabalho discutir o caráter desconstrutivista da proposta, de Preciado, de sexualização do corpo, mas acreditamos que o que foi acima exposto pode demonstrar o ponto de divergência entre suas ideias e o conceito freudiano de disposição perversa polimorfa. Aparentemente, a proposta de Preciado cumpre uma função de crítica que, apesar de se referir à sexualidade, não toma esta como um *objeto concreto* de estudo, mas como algo a ser contestado e desconstruído a partir de outro discurso. Freud, por sua vez, concebe sua ideia de disposição perversa polimorfa a partir de suas observações clínicas, demonstrando, apesar do caráter inédito e até certo ponto revolucionário de suas descobertas, que seu trabalho se insere dentro do discurso científico vigente em sua época.

Outro ponto a ser considerado é que, ainda que a ideia de uma disposição perversa polimorfa coincida com uma sexualização do corpo ampliada para além dos genitais, a organização dessa sexualidade é atribuída à pulsão e não a um discurso socialmente instituído. É claro que se pode dizer que, na qualidade de *conceito*, a pulsão também não está fora de um *discurso* que é, justamente, o da psicanálise. Isso, sem dúvida, daria material para uma grande discussão que infelizmente não cabe nos objetivos deste trabalho. Mas o que procuramos aqui demonstrar, por fim, é que, se, ao olharmos superficialmente a ideia *queer* da *sexualização total do corpo*, podemos imediatamente associá-la com a do conceito de disposição perversa polimorfa, ao considerarmos a construção de ambas essas ideias quanto a o que elas realmente procuram se referir e quanto à função que ocupam na teoria de seus autores, essa aproximação se torna bem mais complicada.

Essa constatação se torna importante se considerarmos que uma das

grandes denúncias feitas pela teoria *queer* com relação à psicanálise é o fato de que esta seria mais um discurso que classificaria indivíduos como normais ou desviantes a partir de um parâmetro de desenvolvimento e de exercício normal da sexualidade. Não se pode negar que a psicanálise pode, de fato, funcionar como uma psicopatologia normatizadora e regulatória, principalmente se for tomada nessa sua primeira acepção em que a sexualidade parece um tanto desvinculada do social. No entanto, sabemos que isso não define a psicanálise, pois esta também pode ser um saber de caráter até mesmo emancipatório caso seja lida de maneira um pouco mais abrangente e considerando, no campo da sexualidade, uma de suas ideias mais radicais: a de que há de modo inato na constituição do desejo humano uma disposição perversa polimorfa que se afasta de qualquer padrão regulatório da sexualidade. □

Abstract

The body, the *dildo*, the flesh and the fetish: Preciado with Freud

Several authors from different fields have tried to create a dialogue between the queer theory and psychoanalysis. This paper aims to relate some ideas presented by Paul/Beatriz Preciado in the *Countersexual manifesto* (2002) to Freud's notion of polymorphous perverse disposition conceived in *Three essays on the theory of sexuality* (1905). This work briefly introduces the queer theory, Preciado's specific positioning and the importance given to the dildo as the pivot of an analysis that demonstrates the plasticity and the artificiality of sex. Preciado criticizes the naturalization of sex through the parody of heterocentred relationships and of subversive proposals related to the use of the body for the exercise of sexuality. The second element under analysis is a proposal of the total sexualization of the body. Dialoguing with psychoanalysis, a relationship between the dildo and the fetish object is first established. Afterwards, the paper discusses the possibility of comparing the polymorphous perverse disposition with the total sexualization of the body, taking into consideration the different starting points of both theories, i.e. the drive field and the heterosocial discourse.

Keywords: psychoanalysis, queer theory, fetishism, sexuality.

Resumen

El cuerpo, el *dildo*, la carne y el fetiche: Preciado con Freud

Diversos autores de la teoría *queer* y del psicoanálisis vienen realizando aproximaciones entre ambos campos. En este artículo se busca comentar algunas ideas de Paul/Beatriz Preciado, presentadas en el *Manifiesto contra-sexual* (2002), sobre la noción de disposición perversa polimorfa de Freud, concebida en *Tres ensayos de teoría sexual* (1905). Se presenta brevemente aquí la teoría *queer*, el posicionamiento particular de Preciado y el énfasis que concede al *dildo* como eje temático de un análisis que demuestra la plasticidad y artificialidad del sexo. Preciado critica la naturalización del sexo por medio de la parodia de las relaciones heterocentradas y de propuestas subversivas con relación a la utilización del cuerpo para el ejercicio de la sexualidad. El segundo elemento analizado es la propuesta de sexualización total del cuerpo. En el diálogo con el psicoanálisis, primero se establece una relación entre el *dildo* y el objeto fetiche. En segundo lugar, se cuestiona la posibilidad de comparar la disposición perversa polimorfa con la sexualización total del cuerpo al tenerse en cuenta los puntos de partida distintos de ambas teorías, a saber, el campo pulsional y el discurso heterosocial.

Palabras clave: psicoanálisis, teoría *queer*, fetichismo, sexualidad.

Referências

- Arán, M. (2006). A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora – estudos em teoria psicanalítica*, 9(1): 49-63.
- Ayouch, T. (2014). Questionando a teoria psicanalítica das perversões. In E. B. V. Campos & C. Carrijo (Coord), *Rever: Psicanálise e questões da contemporaneidade*. Curitiba/São Paulo: Editora CRV.
- Bourcier, M. H. (2014). A teoria *queer*, políticas pós-pornô e privatização da sexualidade: uma conversa com Marie-Hélène Bourcier. In *Estudos feministas* (UFSC), 22(3): 913-928. Entrevista concedida a V. K. Ferreira e M. P. Grossi.
- Bourcier, M. H. (2015). Marie-Hélène/Sam Bourcier Entrevista. *Cult*, 205: 11-15. Entrevista concedida a P. P. Gomes Pereira.
- Bourcier, M.H. (2002) Prefácio. In *Manifesto contrassexual*. N-1 Edições, 2014.
- Cunha, E. L. (2013). Sexualidade e perversão entre o homossexual e o transgênero: notas sobre psicanálise e teoria *Queer*. *Rev. Epos*, 4(2).
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7, pp. 77-150). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

- Freud, S. (1915). Pulsões e destinos das pulsões. In *Obras psicológicas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1, pp.137-162). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1923). A organização genital infantil. In *O eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923 – 1925) – Obras completas* (Vol. 16, pp. 168-175), Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Cia das Letras. 2013.
- Freud, S. (1927). O fetichismo. In *Inibição, sintoma e angústia. O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929) – Obras completas* (Vol. 17, pp. 302-310). Tradução de Paulo César de Sousa. São Paulo: Cia das Letras. 2016.
- Louro, G. L. (2001). Teoria *queer* – Uma proposta pós-identitária para a educação. *Estudos Feministas* (UFSC): 541-553.
- Miskolci, R. (2007). A teoria *queer* e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. Recuperado de http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf
- Miskolci, R. (2009). A teoria *queer* e a sociologia: o desafio da analítica da normalização. *Sociologias*, 11(21): 150-182.
- Preciado, B. (2002). *Manifesto contrassexual*. N-1 Edições, 2014, 224p.
- Preciado, B. (2011). Multidões *queer*: notas para uma política dos anormais. In *Estudos feministas* (UFSC), 19(1): 11-20.
- Sàez, J. (2004). *Teoria queer y psicoanálisis*. Madrid: Síntesis.
- Safatle, V. (2015). *Fetichismo: colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Recebido em 24/01/2017

Aceito em 12/02/2017

Revisão técnica de **Lúcia Thaler**

Patricia Porchat

UNESP – Departamento de Psicologia
Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01
Vargem Limpa
17033-360 – Bauru – SP – Brasil
e-mail: patriciaporchat@fc.unesp.br

© Revista de Psicanálise – SPPA